

IMPACTO DO RACISMO NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NEGROS

EDNA MUNIZ
SHIRLEY SANTOS
com colaboração de
JULIANA GONÇALVES



Impacto do racismo na saúde mental de crianças e adolescentes negros

Edna Muniz e Shirley Santos, com colaboração de Juliana Gonçalves

“Artigo 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”

“Artigo 13. Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.”

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O racismo impacta diferentes dimensões da vida de negros e negras do Brasil. O ato violento sofrido causa efeitos físicos que podem ser facilmente percebidos, e também outros, menos visíveis, que vulneram a saúde mental dessa parcela significativa da população brasileira¹.

A discriminação racial compõe uma vivência difícil de ser apagada ou diluída, e com efeitos ainda mais devastadores quando atingem crianças e adolescentes. O propósito deste artigo é contribuir para a discussão dos efeitos psicológicos e emocionais do racismo nesta faixa etária. Antes de avançar, é necessário compreender alguns conceitos a exemplo do termo “raça”, construído e ressignificado pelo Movimento Negro brasileiro ao longo dos anos. O significado de “raça” surge neste texto distanciado do conceito biológico — que já se provou inadequado quando se refere a pessoas — para dar espaço à construção social na qual as pessoas são identificadas pela cor da pele e características físicas, e são agrupadas em distintos grupos raciais.

Conceitos fundamentais

Preconceito: Pensamentos ou ideias que desempenham uma importante função social: a de manter a ideologia do grupo que está no poder, “explicando e justificando” as diferenças de tratamento. Em nossa sociedade constroem-se ou divulgam-se imagens positivas ou negativas sobre negros e mulheres através de diferentes meios, dentre os quais a televisão, os jornais, as revistas, o cinema, que contribuem extraordinariamente para que as pessoas formem imagens que vão, posteriormente, influenciar sua ação (Bento, 1998).

Discriminação: Esse conceito implica necessariamente em ação: “(...) ações ou práticas desenvolvidas por membros de grupos dominantes, ou seus representantes, que provocam um impacto diferencial e negativo nos membros dos grupos em situação de desvantagem” (Feagan e Feagan). A ação discriminatória muitas vezes ocorre com vistas à manutenção de privilégios do segmento que está no poder. Esta é uma das características da discriminação institucional.

Discriminação institucional: Ocorre independente do fato de a pessoa ter ou não preconceito aberto ou intenção de discriminar. O conceito se forma a partir da ideia de que o racismo subjacente aos comportamentos individuais, coletivos ou institucionais faz parte da lógica das sociedades racistas, nas quais comportamentos aparentemente livres de preconceitos podem gerar consequências negativas para os membros de grupos sociais discriminados

¹ Os negros (categoria que se refere à somatória de quem se declara preto ou pardo) são 53% da população, segundo o Instituto Brasileiro de Estatísticas (IBGE/2013).

(Essed). O que interessa não são as “intenções” mas os efeitos da ação. Desde os anos 60, Hamilton e Carmichael, líderes do movimento negro norte-americano, discutiram a diferença entre a discriminação individual — por exemplo, atos de vandalismo provocados por um grupo de brancos terroristas — e a discriminação institucional — como aquela evidenciada por altas taxas de mortalidade entre crianças negras, decorrentes de alimentação ou habitação inadequadas. Outras características da discriminação institucional são o seu caráter rotineiro e contínuo e o fato de variar entre aberta ou encoberta, visível ou escamoteada da visão pública (Bento, 2014).

Racismo institucional: Segundo o Programa de Combate ao Racismo Institucional, o conceito é definido como “fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica”. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações (CRI, p. 22)². Ou seja, o racismo institucional é composto por uma série de ações discriminatórias com vistas à manutenção de privilégios do segmento que está no poder.

As consequências do racismo colocam a população negra encabeçando os piores dados estatísticos por serem vítimas de violação de direitos humanos desde a mais tenra infância. Uma criança negra tem 70% mais risco de ser pobre e 30% a mais de chance de estar fora da escola do que uma criança branca, segundo o Unicef. A pobreza retira crianças e jovens da escola e os empurra cada vez mais precocemente para o mercado de trabalho, onde acabam desenvolvendo funções insalubres: 64,78% das crianças e adolescente que trabalham no Brasil são negros³ e 93% das crianças e dos adolescentes envolvidos em trabalho doméstico no Brasil são meninas negras⁴.

2 Projeto de uma parceria que contou com a SEPPIR, o Ministério Público Federal, o Ministério da Saúde, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e o Departamento Britânico para o Desenvolvimento Internacional e Redução da Pobreza (DFID), como agente financiador, e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Teve como foco principal a saúde (CRI, 2006).

3 Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da educação básica na idade certa – direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes. Brasília, Unicef, 2012.

4 Dados de 2013, divulgados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

“ A discriminação racial compõe uma vivência difícil de ser apagada ou diluída, e com efeitos ainda mais devastadores quando atinge crianças e adolescentes. ”

Por outro lado, de acordo com a Anistia Internacional, mais da metade dos homicídios tem como alvo jovens entre 15 e 29 anos e **77%** deles são negros. Outro dado que chama a atenção é a incidência de aplicação de medidas que restringem a liberdade. No estado de São Paulo, onde está quase a metade do total de adolescentes infratores brasileiros, 67,7% são negros. O quadro de vulnerabilidade se completa ao analisar o perfil de crianças e adolescentes em situação de rua: são do sexo masculino (71,8%), entre 12 e 15 anos (45,13%) e negros 72,8%.

Os números apresentados quantificam as consequências do racismo incidindo em crianças e jovens negros, pessoas em processo de formação. Bento (2011) ressaltou que esta etapa da vida é aquela na qual a personalidade e a identidade estão em desenvolvimento e a incidência da violência racial neste estágio pode ter forte impacto negativo no presente e futuro destas pessoas.

Saúde mental

Segundo definição da Organização Mundial de Saúde⁵, “saúde mental” é uma expressão usada para descrever o nível de qualidade de vida cognitiva ou emocional. A saúde mental pode incluir a capacidade de um indivíduo de apreciar a vida e procurar um equilíbrio entre as atividades e os esforços para atingir a resiliência psicológica. Admite-se, entretanto, que o conceito de saúde mental é mais amplo que a ausência de “transtornos mentais”.

Os seguintes itens foram identificados como critérios de saúde mental:

1. Atitudes positivas em relação a si próprio
2. Crescimento, desenvolvimento e auto-realização
3. Integração e resposta emocional
4. Autonomia e autodeterminação
5. Percepção apurada da realidade
6. Domínio ambiental e competência social.

Afirma Barbosa (*apud* Batista, 2012): “[...] a maioria das doenças que atinge a população negra é a mesma que atinge a população em geral. O que diferencia é seu perfil mais crítico de saúde, recorrente a diferentes contextos históricos, recorrência esta pautada na discriminação, no racismo e na negação de direitos [...]”.

Desse modo, os negros são, por exemplo, as principais vítimas fatais de doenças infecciosas e parasitárias, como a tuberculose, que embora perfeitamente curável, reflete a dificuldade de acesso aos serviços de saúde e a vulnerabilidade social do doente que geralmente, come mal, mora mal e tem baixa escolaridade (Batista, 2003). Assim, o racismo e a negação de direitos que dele decorre são um diferencial recorrente a ser melhor compreendido no adoecimento psíquico da população negra, impactada em sua vida desde a infância.

Thébaud-Mony (2000, *apud* Batista, 2005) apresenta uma visão global de saúde ao apresentá-la não como uma manifestação individual, mas um processo social forjado nas condições de vida, nos desgostos, nos prazeres e nas histórias coletivas. Sob essa perspectiva, pode-se afirmar a existência de uma construção histórica que coloca os negros em lugar de vulnerabilidade com uma interface na saúde mental.

Para ser efetivo em determinar como as experiências com base em raça impactam a saúde mental, faz-se necessário especificar algumas particularidades das diferentes expressões do racismo que geram as reações de estresse ou possível trauma. A identificação do tipo de violência racial experimentada pode colaborar com o trabalho dos profissionais de saúde mental, conectando as vivências diretamente aos diferentes tipos de impactos provocados (Carter e Helms, 2002; Carter, Fosyth, Mazzula, 2005, p. 17). Neste sentido, o quadro que segue elenca, a partir do estudo de Bento (1992), alguns tipos básicos de discriminação racial:

Tipos de discriminação

1. **Discriminação isolada:** uma ação hostil que é intencionalmente desenvolvida por um indivíduo contra membro(s) do grupo subordinado. Exemplo: uma auxiliar de creche que explicita seu desconforto em cuidar do cabelo de uma criança negra.
2. **Discriminação protagonizada por grupo:** uma ação hostil que é intencionalmente praticada por um pequeno grupo contra membro(s) do grupo subordinado. Exemplo: um grupo de crianças discrimina uma criança negra ao excluí-la das brincadeiras. Foi o que aconteceu com a pequena Carla de 5 anos: “As crianças me xingam de preta que não toma banho (...). Não adianta, elas não me deixam brincar porque sou preta” (Bento, 2011).

3. Discriminação institucional direta: práticas informais que levam à segregação espacial de determinados grupos que acabam tendo acesso apenas aos piores equipamentos sociais. Exemplo: atos de injustiça, ou tratamento diferenciado que assumem diferentes formas. No mundo do trabalho, por exemplo, preferir a promoção de uma jovem negra em favor de uma outra candidata branca.

4. Discriminação institucional indireta: preferir ou hostilizar negros e negras em diversas situações sem contextualizar a questão racial. Neste item, cabe expor alguns exemplos:

a) A história educacional que penaliza negros e mulheres, tendo em vista sua trajetória escolar e de vida mais acidentada, decorrente da pior qualidade das escolas e dos cuidados com a prole.

b) Hostilidade verbal: xingamento de “macaco” atingindo a essência individual, gerando, algumas vezes, reações emocionais também extremamente intensas.

c) Evitação: a recusa à interação, que se constitui em uma experiência precocemente vivenciada por crianças negras — estudos revelam que crianças negras são rejeitadas por seus pares ainda na etapa da educação infantil (Bento, 2011).

d) O ataque físico ocupa o vértice da escala de discriminação ou comportamentos racionalmente hostis. O crescimento do índice de assassinatos de jovens negros é um caso típico que vem sendo caracterizado como genocídio da juventude negra e denunciado como tal pelos movimentos sociais.

Essas diferentes formas de discriminação se constituem em violência racial extremamente nocivas à saúde física e mental de crianças e adolescentes negros. O racismo tem o poder de afetar negativamente o desenvolvimento e a adaptação das crianças e jovens, com consequências negativas para sua saúde e seu bem-estar, gerando impactos na vida educacional e social tanto na infância como no decorrer de toda a vida.

“ Escolas são também lugares importantes onde as crianças podem aprender sobre diversidade cultural e compreender seu papel e sua identidade cultural. ”

Cabe aqui ressaltar o quanto as escolas são locais fundamentais na vida das crianças e adolescentes, onde estabelecem relações e desenvolvem a socialização. A vivência da violência racial manifestada por meio da discriminação racial — que chamamos de dano psíquico decorrente do racismo — prejudica o aprendizado acadêmico e a socialização (Mansouri & Jenkins, 2010). Escolas são também lugares importantes onde as crianças podem aprender sobre diversidade cultural e compreender o seu papel e sua identidade cultural (Paluck e Green 2009; Walton, Priest 2013, p. 2).

Os traumas psicológicos podem ocorrer de forma aguda em um único evento ou crônica, como resultado de uma repetição de exposição a situações de estresse. As crianças expostas a um trauma agudo ou crônico podem apresentar variações de humor, impulsividade, irritabilidade emocional, raiva, agressividade, ansiedade, depressão e dissociação. Os primeiros traumas, em particular nas mãos dos responsáveis, podem marcar a percepção da criança quanto à autoestima, confiança nos outros, percepção do mundo levando-a a diminuir as suas expectativas e sonhos relacionados com o futuro.

Dentre os efeitos mais devastadores do trauma na primeira infância encontra-se a restrição na capacidade de confiar, relaxar e explorar seus próprios sentimentos, ideias ou interesses. De acordo com Johnson (1985; 1987, p. 4), as jovens vítimas de trauma podem acreditar que há algo intrinsecamente errado com elas, que são culpadas, odiadas, desamparadas, não dignas de proteção e amor e tais sentimentos levam a uma baixa autoestima, vulnerabilizando-as.

Um trauma severo na primeira infância afeta todos os domínios do desenvolvimento: cognitivo, social, emocional, físico, psicológico e moral. Crianças maltratadas podem ter seu desenvolvimento acadêmico afetado negativamente, com diminuição das habilidades cognitivas. Pode ainda provocar consumo ou uso abusivo de substâncias químicas, gerar problemas de saúde, incluindo depressão, ansiedade, agressividade, transtornos alimentares, de conduta e somatização.

O trauma infantil também repercute na adolescência de forma negativa podendo gerar abandono escolar, abuso de substâncias, atividade sexuais precoces, aumento de transmissões de DST, gravidez e maternidade-paternidade precoce. Já na fase adulta o trauma infantil pode contribuir para o surgimento da depressão, e de problemas de saúde devido a um fraco sistema imunológico (Harris, Putnam & Fairbank, 2004, p. 6). As pessoas podem também desenvolver problemas físicos como alta pressão sanguínea, se tornar obesas, ou altamente reativas a situações que lembrem o estresse ou trauma. Crianças negras obesas, por exemplo, sofrem mais de hipertensão do que brancas⁶.

6 Pesquisa americana comparou crianças com o mesmo nível de obesidade.

Pressão arterial dos negros foi, em média, 8% maior. Disponível em <http://www.abeso.org.br/noticia/criancas-obesas-negras-sofrem-mais-de-hipertensao-do-que-brancas>. Acessado em 13 de junho de 2015.

Hoje, o trauma infantil é um dos principais problemas de saúde pública no mundo. Trauma não apenas fere o indivíduo, mas tem um impacto negativo na vida daqueles que os rodeiam; o custo do trauma infantil não reconhecido e não tratado é muito maior que o custo de prevenção e intervenção precoce para eliminar ou reduzir os efeitos.

Há estudos no Brasil e fora do país que mostram como sofrer sistematicamente com o racismo torna as pessoas mais sujeitas a ansiedade, depressão e problemas com drogas⁷. Há indícios da existência de uma distribuição social desigual das experiências estressoras conforme a raça, principalmente associadas a situações de racismo, cujos efeitos são determinantes para a saúde psicossocial (Faro & Pereira). Silva destacou como as atitudes racistas são incorporadas às estruturas sociais, o que inclui escolas, hospitais, igrejas, entre outros, causando acesso e tratamentos desiguais. Muniz elencou algumas reações possíveis que podem ocorrer quando uma criança ou adolescente é exposta ao racismo.

- ▶ Irritabilidade
- ▶ Fobia frente ao agressor
- ▶ Nervosismo
- ▶ Sentimento de perda de força
- ▶ Baixa autoestima
- ▶ Instabilidade emocional
- ▶ Crises de choro constante
- ▶ Alteração de memória
- ▶ Esgotamento mental
- ▶ Mudanças na rotina cotidiana
- ▶ Depressão
- ▶ Distúrbios do sono

Ante o exposto, conclui-se que a percepção e a compreensão da violência racial permite abordagem do profissional de saúde mental que previna a ocorrência do dano psíquico oriundo do racismo ou que identifique a necessidade de tratamento para a criança ou o adolescente atendido.

O diagnóstico precoce da violência racial a que está submetida a pessoa atendida propicia um tratamento mais eficaz e a redução da possibilidade do desenvolvimento do dano psíquico.

“ Um trauma severo na primeira infância afeta todos os domínios do desenvolvimento: cognitivo, social, emocional, físico, psicológico e moral. ”

⁷ Um artigo sobre o tema foi divulgado no ano passado na publicação de ciência Addictive Behaviors. Fonte: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/racismo-causa-ansiedade-e-depressao-em-vitimas-diz-pesquisa>, acessado em 10 de julho de 2015.

Referências bibliográficas

BATISTA, L. E. Masculinidade, raça/cor e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2005.

____; WERNECK, Jurema e LOPES, Fernanda Lopes (orgs.). **Saúde da população negra**. Brasília: ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012, 2. ed. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. Coord.: Tânia Mara Pedroso Müller.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In__ (org.). **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade – CEERT, 2011.

____. **Psicologia social do racismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

____. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: Aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2011.

CARTER, Robert T. **Racism and Psychological and Emotional Injury: Recognizing and Assessing Race-Based Traumatic Stress**, *The Counseling Psychologist*, 2007.

FARO, A. & PEREIRA, M. E. Raça, racismo e saúde: A desigualdade social da distribuição do estresse. **Estudos psicologia**. V. 16, n. 3, Natal, Sept./Dec. 2011.

KATHLEEN, J.; MOROZ; DSW; LICSW. **The Effects of Psychological Trauma on Children and Adolescents**, Report Prepared for the Vermont Agency of Human Services. Department of Health. Division of Mental Health Child, Adolescent and Family Unit, 2005.

MOROZ, Kathleen J; DSW; LICSW. **The Effects of Psychological Trauma on Children and Adolescents**, JReport Prepared for the Vermont Agency of Human Services. Department of Health. Division of Mental Health Child, Adolescent and Family Unit, 2005.

PRIEST, N.; FERDINAND, A.; PERRY, R.; PARADIES, Y. & KELAHER,

M. Mental Health Impacts of Racism and Attitudes to Diversity in

Victorian Schools, A Summary of Survey Findings, Localities Embracing and Accepting Diversity (LEAD), by The University of Melbourne, VicHealth, Lowitja Institute Aboriginal and Torres Strait Islander Health CRC, 2014.

____. Racismo e os efeitos na saúde mental. Texto apresentado durante o **I Seminário Saúde da População Negra**, 2004.

TEIXEIRA, Maria Aparecida da Silva Bento. **Resgatando minha bisavó – discriminação no trabalho e resistência na voz de trabalhadores negros**. São Paulo: PUC, 1992 [Dissertação de mestrado em Psicologia Social].

UNICEF. *Crianças fora da escola*. Brasília, 2012.

